

ORIDES FONTELA
TODA PALAVRA É CRUELDADE



ORIDES FONTELA

TODA PALAVRA É CRUELDADE

DEPOIMENTOS

ENTREVISTAS

RESENHAS

(ORG.)

NATHAN MATOS



© Editora Moinhos, 2019.

© Herdeiros de Orides Fontela, 2019.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: LiteraturaBr Editorial

Fotografia da Capa: Fritz Nagib

Capa: Editora Moinhos

Organização: Nathan Matos Magalhães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F682o

Fontela, Orides

Orides Fontela – toda palavra é crueldade / Orides Fontela ; organizado por Nathan Matos.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

152 p.

ISBN: 978-85-45557-65-4

1. Literatura brasileira. 2. Orides Fontela. 3. Poesia. 4. Filosofia. 5. Entrevista.

6. Depoimento. I. Título.

2019-95

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992

2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A POSSIBILIDADE DO IMPOSSÍVEL EM ORIDES FONTELA	13
---	----

DEPOIMENTOS

NAS TRILHAS DO TREVO	21
POÉTICA: UMA – DESPRETENSIOSA – MINIPOÉTICA	29
SOBRE POESIA E FILOSOFIA – UM DEPOIMENTO	35

ENTREVISTAS

ENTREVISTA DO MÊS	43
UMA CONVERSA COM ORIDES FONTELA	55
ORIDES FONTELA COMBATE DESPEJO COM SUA POESIA	91
ORIDES FONTELA RESISTE À SOFISTICAÇÃO DA POESIA	95
POETA PEREGRINA ADOTOU A CIDADE COMO SUA	103
POESIA AMADURECIDA À BEIRA DO ABISMO	107
O AVESSO DO VERSO	111

RESENHAS

A MOÇA VAI MORRER, MAS A VIDA É BELA	127
EM QUESTÃO, A NOSA IDENTIDADE	129
ENTRE O LÍRICO E O SOCIAL	131
MÍSTICA E POESIA	133
NAS RIMAS DA PERPLEXIDADE	135
NASCE UM FILÓSOFO	137
RACIOCÍNIOS ENTRE A VIDA E A MORTE	139
VERSOS E RIMAS DE LUZ E SOMBRAS	141
TODAS AS CORES DA NOITE	143

PROSA

ALMIRANTADO	147
-------------	-----



para Orides Fontela



FALA

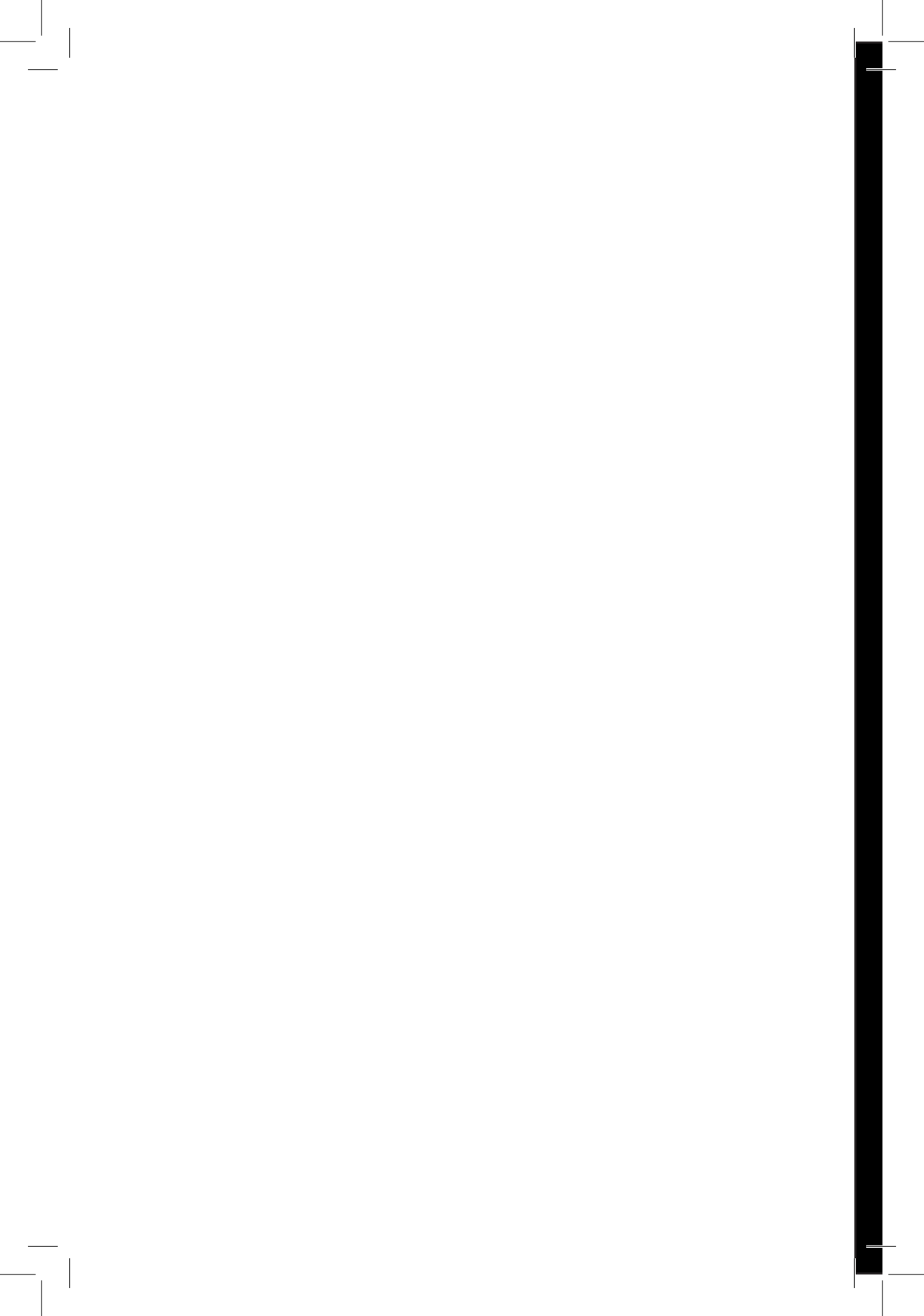
Tudo
será difícil de dizer:
a palavra real
nunca é suave.

Tudo será duro:
luz impiedosa
excessiva vivência
consciência demais do ser.

Tudo será
capaz de ferir. Será
agressivamente real.
Tão real que nos despedaça.

Não há piedade nos signos
e nem no amor: o ser
é excessivamente lúcido
e a palavra é densa e nos fere.

(Toda palavra é crueldade)



APRESENTAÇÃO



A possibilidade do impossível em Orides Fontela
por Nathan Matos Magalhães

“Só existe o impossível”

Orides Fontela

Orides de Lourdes Teixeira Fontela – nascida em São João da Boa Vista, em 1940, e falecida em Campos do Jordão, em 1998 –, conhecida como Orides Fontela, é lembrada, às vezes, mais pela sua inquietante vida pessoal e sua personalidade complexa do que por sua poesia. Reclusa e impetuosa, era considerada uma pessoa de difícil convivência, incapaz de manter relações sociais duradouras. Foi amiga de nomes conhecidos da crítica brasileira atual, como Antonio Candido, Augusto Massi e Marilena Chauí, os quais a ajudaram durante um longo percurso da vida, mas com quem a poeta manteve laços, por vezes, turbulentos.

Davi Arrigucci Jr., nascido também em São João da Boa Vista, além de ter se tornado amigo da poeta, foi quem a descobriu. Ao ler o jornal de sua terra natal, *O Município*, deparou-se com o poema “Elegia I”, de Orides Fontela, e se encantou. Em viagem à sua cidade, correu em busca da poeta para lhe falar da poesia enigmática que havia percebido no poema. Arrigucci, desde o início, incitou-a a ir cursar Filosofia na USP, e foi o responsável por ajudá-la com a seleção dos poemas que estariam em seu primeiro livro, *Transposição*, de 1969.¹

É interessante informar ao leitor que chega a Orides Fontela por este livro quais foram as obras publicadas por ela e como elas surgiram: *Transposição* (1969); *Helianto* (1973); *Alba* (1983); *Rosácea* (1986) e *Teia* (1996).

¹ Esse livro, a princípio, seria intitulado *Rosácea*, mas por sugestão de Arrigucci, ganhou o título de *Transposição*.

O primeiro livro contou com apoio do Instituto de Cultura Hispânica da USP, enquanto *Helianto* fora publicado pela Livraria e Editora Duas Cidades. Já *Alba* e *Rosácea* saíram pela editora Roswitha Kempf. E *Teia* pela Geração Editorial. Os quatro primeiros livros chegaram a ser impressos em um único volume, em 1988, sob o nome de *Trevo*, pela Editora e Livraria Duas Cidades, que fez parte da coleção Claro Enigma, organizada por Augusto Massi. Duas outras publicações ocorreram na França, ambas com tradução de Emmanuel Jaffelin e Márcio de Lima Dantas, são elas: a coletânea *Trèfle* (1998) – com prefácio do professor Michel Maffesoli –, seguida de *Rosace* (2000). Em 2006, pela primeira vez, seus cinco livros estão reunidos em um único volume pelas editoras Cosac Naify e 7Letras, sob o título de *Poesia Completa [1969-1996]*, que fez parte da Coleção Às de Colete, organizada por Carlito Azevedo. Depois de quase dez anos, quando se acreditava que toda a produção poética de Orides Fontela já fosse conhecida, eis que o professor e jornalista Gustavo de Castro decide realizar uma pesquisa de campo, com o intuito de encontrar textos ainda inéditos. O resultado dessa investigação veio à tona ao final de 2015, com um livro-reportagem intitulado *O enigma Orides*, publicado pela editora Hedra, responsável por lançar também uma nova edição de toda a poesia da autora com os poemas inéditos encontrados, com organização de Luis Dolhnikoff.

Ainda que tenha publicado *Transposição* e *Helianto* nos anos de 1969 e 1973 respectivamente, é somente após o ano de 1983, quando *Alba* vem a público, que sua obra começa a repercutir fora do seu círculo pessoal. Daí em diante, Orides começa a ganhar certo reconhecimento da mídia, assim como da crítica especializada. Isso ocorre porque *Alba* conseguiu angariar, neste mesmo ano, o Jabuti, o que vai justificar o interesse de maneira geral do público e da crítica em sua produção. Atualmente, sua poesia tem estado sob o olhar crítico de acadêmicos e pes-

quisadoras. Além disso, alguns livros em que se analisa a obra oridiana já foram publicados e alguns eventos e saraus já foram organizados com o intuito de divulgar sua obra cada vez mais.

A maneira como Orides se percebia no mundo não contribuía, talvez, para a divulgação de sua própria obra, pois jornais e revistas mostravam interesse em entrevistá-la para saber mais sobre sua vida, pela sua maneira de ser, do que sobre a sua produção poética. Ela estava sempre a se autoproclamar uma pessoa sem condições e que nunca teria vez na sociedade. Seu temperamento também, talvez, fora o que acabou por afastar quase todos que a conheciam. Apenas Gerda, moça que morava na Casa do Estudante e que viria a dividir apartamento com a poeta, continuou durante muito tempo ao seu lado.²

Gustavo de Castro, em *O enigma Orides* (2015), na tentativa de criar uma imagem da poeta, chegou a traçar um perfil físico por meio do olhar de Gerda:

Era magra, ombros altos e um pouco largos, cintura baixa e nenhum quadril; calçava sandálias franciscanas de couro gastas, vestia uma bermuda colorida estampada com caras de palhaços, blusa branca, mochila, cabelos curtos e óculos imensos. O rosto era quadrado, o nariz meio adunco, os olhos miúdos, as orelhas grandes, a boca larga, com o lábio inferior pronunciado, o maxilar levemente aberto, a tez abatida. Notou que a moça parecia tosca: mãos largas, andava sem elegância, não pedia licença, e as orelhas não eram furadas. Os olhos pareciam afetados pela miopia, ora ficavam contraídos e sorridentes, ora pareciam frios e opacos, então tristes e caídos. [...] Gerda hesitou e temeu pela convivência, mas decidiu confiar no seu vozeirão: se precisasse, falaria mais alto; aceitou-a no quarto.³

² CASTRO, Gustavo de. *O enigma Orides*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 40.

³ CASTRO, Gustavo de. *O enigma Orides*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 39.

Foi essa a ideia oferecida sobre a poeta de São João da Boa Vista, que chegara apenas com uma mala, uma mochila cheia de livros e roupas surradas até a Casa do Estudante. Mesmo tendo atuado como professora, a autora de *Alba* vivia em uma situação complicada, sempre dependendo da ajuda de amigos, sem conseguir pagar o aluguel ou até mesmo sem ter o que comer. Por isso, costumava dizer que era “a poeta mais pobre do Brasil”,⁴ que tinha apenas a sua poesia para viver e que, tão pobre quanto ela, só outro poeta havia existido, Cruz e Souza.

Donizete Galvão, que era seu amigo, no artigo intitulado *Orides Fontela: o maior bem possível é a sua poesia*, chegou a definir brevemente a personalidade da amiga, evidenciando a sua poesia como seu único bem de valor:

Filha única, solitária, sem filhos ou parentes próximos, sem móveis ou objetos acumulados, a única e principal referência de Orides era a sua poesia. Embora tenha sido desleixada até mesmo com sua saúde, era zelosa com sua poesia. Tinha consciência do seu valor como poeta. Interessava-se pela divulgação e a edição de suas obras.⁵

A própria poeta chegou a dizer mais de uma vez que ela só existia por causa da poesia, que não saberia fazer outra coisa se não estivesse sempre a criar, fosse pela inspiração, fosse pelo trabalho árduo sobre o verso.

A poesia de Orides se destaca para muitos pela maneira como ela usa a palavra e como constitui sua poética. Orides realiza a busca pela essência da linguagem, a palavra poética

⁴ FONTELA, Orides. “Poesia, sexto, destino: Orides Fontela”. Entrevista concedida a Augusto Massi, Flávio Quintiliano e José Maria Cançado In: *Leia Livros*, SP, 23 jan. 1989.

⁵ GALVÃO, Donizete. Texto disponível em: <<http://www.tanto.com.br/orides-donizete.htm>>. Não há especificações de data.

para ela é tudo, no sentido em que representa por seus poemas a própria existência das coisas e dos seres. A sua poesia é mais meditativa e raciocinante.⁶

A palavra oridiana se constitui, especialmente, pela recorrência de elementos que surgem e ressurgem em sua poesia de vários modos. Por meio de imagens, movimentos e símbolos, ela constrói a sua própria textura poética de maneira que é possível identificar uma preocupação essencial com a estrutura e a organização dos seus livros de poesia. Em suas entrevistas, ela está sempre a comentar que o passo mais difícil para ela é o momento em que tem de montar o livro, ou seja, as conexões entre seus livros e a organicidade deles não é por acaso.

Esses símbolos ou imagens que vão permeando a obra oridiana, muitas vezes, se desdobram na representação do espelho, do voo do pássaro, da presença da rosa. Além disso, o uso do silêncio, do círculo e da repetição fazem com que sua poesia se relacione diretamente com a Filosofia, o que abre um leque de possibilidades para os diálogos com outras obras e áreas afins, configurando, desse modo, seu projeto poético.

Diante deste brevíssimo resumo sobre Orides e sua poesia, acredito que os textos aqui recolhidos são de suma importância. E isso só foi possível porque, durante alguns anos, com ajuda de amigos, pude conhecer todos os textos que estão neste livro.

A recolha de seus depoimentos, que tratam particularmente sobre sua relação com a poesia, e seu diálogo permanente com a filosofia; de suas entrevistas, em que fica nítido a sua preocupação de como seria vista no futuro, ao mesmo tempo em que ficamos a saber mais sobre os seus processos criativos, suas influências; e de suas resenhas, publicadas em alguns jornais, onde se vê a crítica Orides, sempre mordaz e irônica, tudo isso irá

⁶ RIAUDEL, MICHEL. *Le Conte et la ville: études de littérature portugais et brésilienne*. Paris, Presses de La Sorbonne Nouvelle, p. 147.

contribuir para que, talvez, um pouco mais à frente, possamos reconhecer que Orides Fontela sempre foi a impossibilidade do possível e uma das maiores poetas que esse Brasil já teve.